

A BIBLIOTECA ESCOLAR E A SENSIBILIZAÇÃO E COMPLEMENTAÇÃO DAS AULAS DE LEITURA

FRANCISCO M. SANTANA DE MATOS *

MANUEL RAIMUNDO CORREIA*

1 - INTRODUÇÃO

Tudo o que sobre este assunto se possa dizer, passa necessariamente pela interacção de dois factores: o conceito de professor de Literatura e o conceito de Biblioteca.

Começamos, por isso, por repudiar a noção de professor de Literatura cuja função se confina à transmissão de conhecimentos, como acontece noutras disciplinas, bem como a noção de Biblioteca como mero armazém de livros, reservado a uns poucos curiosos e a não muitos amantes da Literatura. Julgamos mesmo que aqui reside uma das diversas causas da indiferença e, por vezes, até da aversão à Literatura, por parte de alguns alunos, situação esta que levou Lídia Jorge a escrever: "*Não é verdade que Literatura e Escola se coadunam como um casal perfeito. Antes pelo contrário, elas chegaram ao nosso tempo como dois cônjuges de mãos dadas arranhando-se em silêncio*"⁽¹⁾.

Em alternativa àqueles dois conceitos, inoperantes e estáticos, propomos para o professor de Literatura e para a biblio-

teca outras funções, dinâmicas e inter-agentes.

É o objectivo deste trabalho.

2 - O PROFESSOR

A natureza mesma da Literatura implica que ela propriamente não possa ser ensinada. Não se ensina Literatura; ajuda-se a conhecer a Literatura, a gostar de Literatura, a perceber a Literatura.

É por isso que o professor de Literatura não pode ser um transmissor de noções teóricas e linguísticas e de formalismos já inflacionados, juntamente com listas de nomes, escolas, obras e datas. Não interessa tanto descobrir as marcas de literatura, mas, sim, entender que o que existe no fenómeno literário é uma experiência de ordem particular, um acontecimento, qualquer coisa que se passa no texto ou entre o texto e o leitor.

Mas, porque a comunicação entre o escritor e o leitor não se processa de forma directa e espontânea e entre ambos se interpõe um conjunto de mediações que fa-

* Docentes do Ensino Secundário em Lisboa

zem com que uma obra seja um objecto contextualizado, cabe ao professor a função de mediador, isto é, o papel de *"decifrar"* as condicionantes históricas, sociológicas, económicas e ideológicas que acompanharam o engendramento do texto literário.

Daqui poderemos dizer com M. de Lourdes Belchior que contentar-se sobretudo com *"descobrir mecanismos, estruturas e modelos"* é arriscar-se a *"ficar pelos arredores da obra literária como ficavam os que só na biografia e na psicologia do autor se fixavam"* ⁽²⁾ E Barthes vai ainda mais longe ao dizer que *"temo-nos preocupado demasiado com os conteúdos"* ⁽³⁾ Com efeito, durante muito tempo, o fundamental era perceber a intenção do autor, entender o texto... o que é que o texto dizia. Isto continua importante, mas mais importante é, segundo Moody ⁽⁴⁾, aquilo que o texto diz ao leitor/aluno e como é que este lhe responde.

Para o efeito, tem o professor de Literatura de privilegiar uma *"pedagogia de prazer"*, embora nunca excluindo uma *"pedagogia do saber"*, em que *"o percurso da aprendizagem será assim aquele que vai da fruição ao conhecimento e do conhecimento à fruição"* ⁽⁵⁾, numa dialéctica progressivamente enriquecedora.

Nesta perspectiva, segundo Dubrovsky, o professor de Literatura não transmite uma *"soma de ensinamento"*; *"o que ele tem de mais precioso para oferecer... não são as suas ideias ou os seus conhecimentos, mas a sua pessoa"* ⁽⁶⁾, isto é, o seu testemunho, no próprio acto de comunicação. Tal como o actor, o professor de Literatura empresta a sua voz, o seu corpo, o seu ser, a sua vivência, para mediar e iluminar a actividade de prazer que é o encontro com o texto.

Este encontro é um acontecimento pessoal que podemos comparar com o encontro amoroso, justamente porque o físico desempenha um papel tão importante como o mental. E porque o prazer nasce do corpo de cada aluno, na identificação que vai descobrindo entre si e o texto, o papel do aluno é, por isso mesmo, insubstituível e ele, só ele, pode descobrir o texto

e dialogar com ele. A explicação/interpretação do professor nunca é a sua. O professor modela, sugere, proporciona, facilita, partilha e as pistas que adianta não passam disso mesmo: pistas. O percurso terá que ser feito pelo aluno.

Só assim o chamado *"aparelho teórico"* fará sentido, alicerçando, esclarecendo e projectando o efeito da adesão espontânea e fruidora. A descoberta deste justo equilíbrio entre os conhecimentos teóricos a veicular e a vivência prática do aluno é um dos desafios mais interessantes lançados ao professor.

BIBLIOTECA

Aqui poderá entrar a Biblioteca da escola, como espaço complementar da sala de aula. Mas... uma Biblioteca que seja primordialmente um lugar de vida, um espaço acolhedor e estimulante, de livre acesso aos livros e aos documentos, onde os alunos tenham direito tanto à sua intimidade e ao silêncio, como à partilha das mais diversas experiências de índole estética. Uma Biblioteca onde o livro funcione, isto é, onde o livro desempenhe a sua função específica, quer a informar, a inquietar, a problematizar, quer a motivar, a recrear, a formar. Uma Biblioteca que ofereça o ensejo de leitura e de escrita, de comunicação e de produção. Uma Biblioteca onde a autonomia e a cooperação, o espírito crítico e a festividade se dêem as mãos na construção da personalidade dos leitores/alunos. Uma Biblioteca que, além dos espaços físicos indispensáveis, tenha a disponibilidade activa e o espírito organizativo de alguns adultos e os recursos materiais necessários ao seu funcionamento efectivo, de acordo com as necessidades, os interesses e as propostas de todos os intervenientes no processo ensino/aprendizagem.

No âmbito específico da Literatura, há muitas iniciativas que podem ter lugar na Biblioteca ou dela naturalmente irradiar. Damos alguns exemplos:

- a formação e dinamização de Clubes de Leitura, de Poesia, de Contos, de Teatro, do Jornal, etc., ou simplesmente um Clube de Literatura (sem qualquer conotação com os Clubes/Núcleos do "Projecto Escola Cultural" do Dr. Manuel Patrício). Os objectivos e os regulamentos internos serão da responsabilidade de todos os sócios (professores e alunos), podendo ou não abranger toda a escola, ou só os alunos de Literatura, ou só esta ou aquela turma;
- a realização de actividades, ligadas ou não a Clubes: a propósito de qualquer tema estudado em aula; por livre sugestão da turma ou de grupos de alunos; por proposta dos dinamizadores da biblioteca; inseridos ou não na dinâmica global da escola; por ocasião da comemoração de alguma efeméride; etc., etc..

Podemos dar algumas sugestões práticas de actividade a desenvolver:

- sessões literárias e jogos florais, em que os alunos participem activamente, ora na sua organização, ora na sua execução;
- promoção de debates sobre os mais variados temas literários, científicos ou outros;
- conferências ou espectáculos, abertos a toda a comunidade escolar e ao meio;
- contactos com escritores e artistas;
- elaboração de um Jornal de Parede, onde os alunos e os próprios professores possam escrever livremente;
- organização de variados ficheiros de literatura;
- visitas de estudo a livrarias, a monumentos ou locais referenciados em textos literários;

- idas ao cinema, ao teatro ou a um clube de video;
- representação, no todo ou em parte, de textos dramáticos (estudados ou não na aula);
- audição de discos e gravações de textos literários ditos por declamadores profissionais ou amadores;
- gravação e audição de textos literários ditos e/ou escritos por alunos;
- audição de textos literários musicados;
- análise de letras de algumas canções tradicionais ou do gosto dos alunos;
- exibição de diapositivos, diaporamas e filmes;
- construção de diapositivos e diaporamas e utilização do video;
- etc., etc..

Não pretendemos ser exaustivos nem pormenorizar demasiado, mas podemos acrescentar que todas as actividades sugeridas e muitas outras a inventar, poderão ser seguidas de debates, proporcionando, deste modo, uma maior participação (e apropriação) de todos nos diversos trabalhos.

É verdade que tudo isto pode ser levado a cabo sem a existência ou sem a interferência da biblioteca. Mas estamos convencidos de que esta é uma das missões essenciais de uma biblioteca escolar, não só por propiciar aos alunos um tipo de actividades que, fora da sala de aula, motivam uma maior adesão e adquirem uma outra dimensão e uma outra dinâmica, mas ainda por concitar uma maior colaboração e uma mais frutuosa interdisciplinaridade, abrangendo diversos professores, variadas turmas e diferentes disciplinas e permitindo, ademais, uma divisão de tarefas mais de acordo com as aptidões e interesses particulares.

Algumas vezes, porém, por razões óbvias, não será viável conseguir implementar esta dinâmica a nível de escola. Restará ao professor tentar imprimi-la na sala de aula, não desistindo da interacção com a biblioteca, na esperança de que esse testemunho transborde e frutifique. Importa não desanimar e colocar a imaginação ao serviço da criatividade e da variedade, procurando, evidentemente, implicar sempre a iniciativa e a participação dos alunos.

Além do que já foi dito que poderá ser efectuado a nível de turma, há que ter em conta e valorizar ao máximo a produção dos alunos: poemas, contos, textos individuais e colectivos, cartazes, álbuns, livro da turma, jornal de parede ou jornal de turma, correspondência com outras escolas, utilizando do mesmo modo as comunicações à turma, os ficheiros, as representações, as gravações, o vídeo, os diapositivos, os diaporamas, as saídas, os contactos, os debates, etc. etc..

Tudo isto poderá contribuir para desmistificar os conceitos de professor, de biblioteca e até de Literatura; para a promoção de um clima de melhor comunicação na sala de aula; para o desenvolvimento de maior camaradagem e disciplina em toda a escola; para uma crescente abertura da escola ao meio.

UM EXEMPLO DE INTERACÇÃO

A turma x está a estudar *Os Lusíadas*. A planificação da abordagem do episódio de Inês de Castro poderá ser programada desta maneira:

a) - audição da conhecida gravação em disco deste episódio pelo actor Rogério Paulo e breve introdução ao assunto;

b) - comparação do texto de Camões com o de *A Castro* de António Ferreira, através da representação, por um grupo de alunos, da parte correspondente ao mesmo episódio;

c) - textos individuais dos alunos sobre o tema e debate;

d) - apresentação por alguns alunos de outros poemas sobre Inês de Castro (por exemplo, o de Bocage e o de Miguel Torga) e audição da canção "Flor de verde pinho" (com que Carlos do Carmo representou a R.T.P. no Festival da Eurovisão de 1976) para análise da letra, da autoria de Manuel Alegre;

e) - debate, presidido por um professor de História, sobre a outra verdade (que não a poética), e distribuição prévia aos alunos do texto correspondente de Rui de Pina;

f) - debate, com um professor de Filosofia, sobre a antinomia razão/coração (inteligência/sentimento), protagonizada pela personagem de D. Afonso IV;

g) - elaboração e apresentação na turma de trabalhos de grupo sobre o tema: textos com o registo em discurso directo do diálogo entre Inês de Castro e Afonso IV, tendo em conta o debate anterior; bandas desenhadas; desenhos ou pinturas e, porque não?, um pequeno diaporama artesanalmente construído;

h) - apresentação, com debate final, a outras turmas do mesmo ano de escolaridade (ou a todas as turmas de Literatura) de algumas fases deste trabalho, que foram sendo gravados em vídeo, e do diaporama;

i) - avaliação final pela turma, não só do produto, mas também do processo que a ele conduziu.

NOTA - As fases desta Unidade Didáctica serão levadas a efeito, de acordo com as circunstâncias, ora na sala de aula, ora na Biblioteca ou no Polivalente, numa perspectiva de interacção e de interdisciplinaridade.

Estamos convencidos de que, na linha das estratégias e actividades propostas a título de exemplos, os alunos irão desfazendo o preconceito (herdado de tempos anteriores) que associava fatalmente uma boa dose de "chateza" à disciplina e às obras de Literatura, à medida que forem

experimentando a contribuição da Literatura na construção da sua própria personalidade.

São muitos, na verdade, os domínios em que essa contribuição se manifesta, desde o da cultura geral que enriquece com a vastidão dos assuntos e a globalidade dos aspectos da vida humana que abarca, até ao desenvolvimento mais específico das capacidades dos alunos nos campos da leitura, da oralidade e, principalmente, da escrita.

Segundo Moody (7), a Literatura permite ainda o adestramento da sensibilidade, das capacidades cognitivas, da afectividade, da consciência social e do sentido religioso (entendido como adesão a um sistema de crenças e de valores), em suma, do ser humano na sua globalidade. Ela relaciona os homens e as culturas, elimina as diferenças, torna o mundo mais pequeno e os homens cada vez mais próximos.

É por isto que o livro continuará a ter o seu lugar, insubstituível, não obstante as tendências uniformizadoras dos media e a literatura continuará a ser, como afirma Llosa, "a última trincheira a ser derrubada pelo poder". Há até quem esteja convencido de que não estará muito longe a saturação do áudio-visual.

Seja como for, importa que o professor de Literatura continue a saber socorrer-se da biblioteca, como um complemento e uma extensão da sala de aula, acima de tudo como um espaço de experiência estética. Os alunos passarão, em consequência, a aprender a utilizá-la também e até a procurá-la como um lugar "onde apeteça ir, e que se vá transformando gradualmente numa grande máquina de tempos livres...". Depois, descobrirão que a biblioteca pode ter também a função de proporcionar a descoberta de "livros de cuja existência não se suspeita e que, todavia, se revelam extremamente importantes para nós" (8).

Com efeito, uma biblioteca é uma parte da memória da humanidade, pois, como afirma Emerson, ela "é uma espécie de câmara mágica" onde "estão sob o efeito de encantamento os melhores espíritos da humanidade, que esperam a nossa pa-

lavra para sair da sua mudez. Temos que abrir o livro, e eles então despertam" (9).

3 - CONCLUSÃO

Cremos ter alcançado o objectivo que nos propusemos, demonstrando o papel altamente valioso da biblioteca escolar como factor de sensibilização e de complementação das aulas de Literatura.

Cremos igualmente ter demonstrado que essa função se alicerça necessariamente na interacção das noções de professor de Literatura e de Biblioteca que precisamos. O professor de Literatura não será tanto o informador e o comunicador, mas, muito mais, o mediador e o facilitador das aprendizagens. É bom que ele saiba muito de Literatura, mas é melhor que a saiba propor e iluminar, que a ame, testemunhe e partilhe. Por sua vez, a biblioteca não pode continuar a ser esse lugar esquisito e esotérico, reservado a uns poucos curiosos e iniciados, mas o espaço aberto e aprazível que mantém a possibilidade do acontecimento estético sempre que alguém se encontre e dialogue com um texto literário.

Da interacção destes dois factores cremos que beneficiarão os alunos e a comunhão desta experiência com eles constituirá quase o único aspecto gratificante da função do professor.

A terminar, queremos adiantar que temos consciência de que um leitor menos entendido nestas coisas da Literatura e do ensino, ou então demasiado antiquado e conservador, depois de ter terminado a leitura das nossas reflexões e das nossas propostas, poderá de ânimo leve concluir que se trata de banais lugares-comuns ou de utopias inexequíveis. A um e a outro queremos dizer que só aceitamos esse julgamento depois de ousarem experimentar também.

Nós sabemos que a biblioteca não é uma panacela. Pode ser um contributo para o melhoramento das relações entre os alunos e a disciplina de Literatura, que, sob

os auspícios mediadores do professor, poderá ser "também uma forma de alegria". (10)

Banais lugares-comuns? É bom lembrar que as coisas mais simples, de muito simples quase sempre não se chegam a fazer; mas, quando se fazem, são por vezes as mais eficientes e as mais gratificantes.

E quanto às utopias, lembramo-nos do poema de Sebastião da Gama:

"Pelo sonho é que vamos.
Comovidos e mudos.

...
Chegamos? Não chegamos?
Partimos. Vamos. Somos".

NOTAS

(1) in "Espaço para a literatura nas novas escolas", *Diário de Notícias* de 15/01/89.

(2) in *Os Homens e os Livros* (Introdução).

(3) in *Legrain de la voix*.

(4) in *The Teaching of Literature*.

(5) HERDEIRO, Bernardette, "Dimensão Pedagógica da Leitura" in Proble-

mática da Leitura - aspectos sociológicos e pedagógicos, Lisboa, INIC, 1980, p.38.

(6) in "le point de vue du professeur", *L'enseignement de la littérature*.

(7) Op.cit..

(8) ECO, Umberto, in *Leitura Pública*, Instituto Português do Livro e da Leitura.

(9) Cit. por Jorge Luís BORGES, "O livro" in *Borges Oral*.

(10) Op. cit..

BIBLIOGRAFIA

AAVV, *L'enseignement de la littérature*, Paris, Plon, 1971.

BARTHES, Roland, *Le grain de la voix, Entretiens 1962-1980*, Paris, Editions du Seuil.

BELCHIOR, Maria de Lourdes, *Os homens e os livros II*, Lisboa, Verbo.

BORGES, José Luís, *Borges Oral*, Lisboa, Ed. vega, s/d.

JORGE, Lúcia, "Espaço para a leitura nas novas escolas", in *Diário de Notícias* de 15/01/89.

MOODY, H.L.B., *The teaching of literature*, Longman House, 1971.

